

MARIA NAZARETH SOARES FONSECA\*

HENRI CHRISTOPHE: MITO E HISTÓRIA

RESUMO

A partir da leitura de Iles de tempête, La tragédie du roi Christophe e O reino deste mundo procura-se apreender, em fatos da História do Haiti, tanto a marca de uma identidade fragmentada quanto a sua representação, simbolizada por Henri Christophe, a ambivalente figura de monarca, dialeticamente situada entre o não-ser francês ou africano e o ser haitiano.

RÉSUMÉ

A partir de la lecture de Iles de tempête, La tragédie du roi Christophe et Le royaume de ce monde, nous avons essayé de dégager, dans des événements de l'Histoire d'Haiti, aussi bien la marque d'une identité fragmentée que sa représentation, symbolisée par Henri Christophe, figure ambivalente de monarque, dialectiquement située entre le non-être français ou africain et l'être haitien.

---

\* Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFMG.

A busca da identidade dos povos colonizados ou desterrados passa, evidentemente, pelas formas de produção cultural desses povos e, é claro, também pela ausência dessa produção. Pa rece-me que, no caso da produção escrita, a literatura coloca-se como o espaço privilegiado da expressão do inconsciente desses povos, possibilitando a apreensão de suas particularidades e peculiaridades.

A partir dessa observação inicial, procurei verificar em três obras que têm como tema principal a História do Haiti — da colonização ao estabelecimento de sua independência — a descoberta que o eu faz do outro, principalmente quando se procura encontrar-se a si mesmo. Incredendo-se a história do Haiti num espaço mais amplo que configura as relações entre Europa e povos da América Central e do Sul sou levada a pensar que a questão haitiana não é um fato isolado na história da colonização dos povos latino-americanos. É um processo geral de descaracterização do outro pela implantação de uma outra ordem considerada modelar. Mesmo quando a dominação do outro passa pelo tema da igualdade pregada pelo Cristianismo, pode-se constatar que a pretensa igualdade construída pelo discurso do conquistador / colonizador não se concretiza numa prática de igualdade. Considerar cristãmente que o índio é igual ao conquistador significa fazer com que este índio perca a sua identidade e assuma a forma de ser do estrangeiro. No caso da escravidão negra o processo de descaracterização cultural parece ter sido mais violento, principalmente porque o negro é arrancado de suas origens e implantado como objeto da colonização de outros espaços geográficos. É, portanto, desterritorializado e descaracterizado. É, no entanto, nessa instância de perda e de falta que se deve buscar a sua fala e o sentido de estranheza que o seu discurso produz.

A partir de referências às obras Iles de tempête, de Bernard Dadié<sup>1</sup>, La tragédie du roi Christophe de Aimé Césaire<sup>2</sup>

O reino deste mundo de Alejo Carpentier<sup>3</sup> pretendo considerar a relação dominador/dominado tanto na estruturação das formas de apreensão do mundo quanto na representação desse mundo pela linguagem. Interessa-me particularmente, nesses textos, identificar um processo de construção textual que explicita a ambivalência do dominado, ao mesmo tempo desejo de assumir o modelo que o construiu e a expressão da recusa desse desejo. Imitação de um modelo e seu estranhamento, cópia de uma origem, tradução de um texto primeiro que se apaga no deslocamento. É esse descompasso existente entre o imitar e o criar que se configura algo novo, inusitado, que leva Alejo Carpentier a cunhar de realidade maravilhosa esta original forma de ser do continente latino-americano, exótico e estranho na visão do europeu, expondo, todavia, de maneira agressiva a forma de ser das nações dependentes. Na contradição entre ser europeu e ser colônia inscreve-se um saber que ose constrói no entrelugar do discurso do Novo Mundo, como observa lucidamente o escritor Silviano Santiago.<sup>4</sup>

Os textos de referência deste artigo enfocam a História do Haiti do ponto de vista americano. Aos fatos históricos a crescentam-se lendas, a palavra do dominado, do negro escravo, do povo, enfim, explícita, principalmente no texto de Aimé Césaire, na contradição maior que revela as complexas formas de relacionamento do europeu com o colonizado. A visão colonizante do europeu faz nascer a visão depreciativa que o negro tem de si, mesmo quando, no sentido manifesto da fala e/ou do texto, imagina-se perceber uma supervalorização. O esforço para garantir a identidade expõe a negação de si, e, como já disse, o desejo inquietante de assumir um modelo que apaga, anula, a alteridade.

Os textos de Aimé Césaire e de Bernard Dadié, por terem sido escritos para o teatro estruturam-se de forma a garantir uma apreensão da problemática do terceiro mundo e a complexidade da história da colonização e da escravidão, levando à cena

fatos concretos da História do Haiti. Em ambos a tensão entre História e Mito na construção da narrativa. A História narrando-se por fatos determinantes da colonização francesa no Haiti, o relato mítico construindo a visão de mundo de um povo cujas raízes estão fixadas particularmente no solo africano. Ainda que sigam claramente um referencial histórico, Dadié e Césaire não podem separar o fato histórico, do relato mítico, mesmo porque conforme afirmam Edwar Lopes e Eduardo Peñuela Cañizal, a História da América está nos mitos porque ela é, em si um mito.<sup>5</sup>

Iles de tempête de Dadié retrata o período das violentas lutas pela libertação dos escravos nas Antilhas e se fixa na figura legendária de Toussaint Louverture, que se insurge contra o decreto de 1802 por reestabelecer, nas colônias francesas, o regime escravocrata. A peça apresenta uma sucessão de sete quadros nos quais se contam episódios da dominação antilhana na época em que as rebeliões negras contra o decreto de 1802 começam a inquietar a França e a exigir ações mais concretas e violentas para sufocar as insurreições.

Contrapontando-se com os fatos ligados às insurreições, as idéias de liberdade e de igualdade defendidas pela Declaração dos Direitos do Homem, explicitam, no texto, o contraste entre homens livres e escravos. O antagonismo entre os ideais de liberdade e a prática escravagista alicerça-se, nas Antilhas, numa questão localizada: o negro é a mão-de-obra indispensável e barata e os interesses econômicos dos colonos estão acima de todo ideal. É o que se pode depreender da fala de uma personagem branca, na peça, a um negro: "A Bastilha foi, sem dúvida, tomada, mas há aqui ainda o Fort Dimanche. Não se esqueça disto."<sup>6</sup>

Os ideais de igualdade convulsionam França e Estados Unidos; todavia, nas colônias, os gritos de liberdade são abafados com excessiva violência. Na Europa a relação entre senhor e escravo passa por indivíduos da mesma cor de pele; nas colônias,

há negros, mulatos, mamelucos, uma gama considerável de nuances de cor que convêm à colonização. Quanto mais o mestiço se imagina próximo ao branco, mais concreta é a perda de sua diferença. Toussaint Louverture, vitorioso, precisa da aprovação de Bonaparte, espelho em que se mira, e cerca-se de técnicos estrangeiros para reconstruir o país. Ao assumir o governo da colônia, Louverture assume também o discurso do colonizador, desejoso de garantir a adesão dos antigos senhores. O diálogo entre ele e Moyses, seu auxiliar, mostra de maneira bem clara o descompasso entre o desejo dos negros haitianos e a fala do líder que lutara para torná-los livres.

"Toussaint Louverture, (falando a Moyses). Estou informado de que no seu setor explodiu uma rebelião.

Moyses: Uma rebelião legítima.

Toussaint Louverture: Moyses, não há rebelião legítima contra a ordem estabelecida. A lei, seja ela qual for, é a lei.

Moyses: Há excesso de rigor na regulamentação do trabalho. O povo quer saber para onde está sendo levado.

Toussaint Louverture: Um povo não tem que saber para onde está sendo levado.

Moyses: A mesma linguagem dos antigos colonos. Estranho."<sup>7</sup>

As palavras de Toussaint Louverture expressam a própria contradição do universo do colonizado/escravizado que passa pela linguagem que ele produz. Assumindo o poder, Toussaint Louverture fala a linguagem dos colonizadores, dos senhores donos da terra, a linguagem do poder enfim, porque a identidade de sua nação é, ainda, a identidade francesa, e a sua visão de mundo é construída pelos valores europeus ainda que houvesse à época um desajuste entre os interesses das colônias e os da metrópole. Os diálogos entre Toussaint Louverture e Moyses são, na peça, o espaço onde se configura a contradição, a tensão entre a expressão do Haiti nascente e a fala do poder, do colonizador.

Iles de tempête aproxima Toussaint Louverture e Napoleão Bonaparte enquanto personagens da peça. Nos quadros em que se relatam cenas da colônia, Napoleão aparece como o modelo a ser seguido e a peça mostra o desejo de Louverture de não apenas criar, na colônia, uma forma de governo que agradasse à Europa, como também obter a aprovação de Bonaparte. Nesse sentido, o conflito de Toussaint Louverture é o mesmo de Henri Christophe. Ambos, ao assumir o poder, assumem, também, a liguagem do modelo que os enformou, afastando-se do povo e dos seus ideais.

No quadro final da peça, o texto mostra-nos ao mesmo tempo Toussaint Louverture e Napoleão Bonaparte através de uma simultaneidade de cenas. Os dois desterrados, um no Fort de Joux, outro na ilha de Santa Helena, conscientes da inutilidade de seus feitos; ambos como ilhas isoladas em meio a intensa e violenta tempestade.

O texto de Aimé Césaire La tragédie du roi Christophe recupera os fatos históricos que situam num tempo e num espaço a intrigante figura do rei negro e, num sentido mais abrangente, expõe a contradição que delinea o percurso do pensamento da metrópole na constituição do sistema de referências do Haiti, pós-independência. A tragédia do rei se configura pela tentativa desvairada de construir uma nação forte e poderosa que pudesse mostrar à Europa e aos brancos a superioridade da raça negra e por sua incapacidade de explicitar o conflito que se inscreve tanto na sua forma de ser como na edificação do seu governo.

Em La tragédie du roi Christophe a trajetória de Henri Christophe é vista a partir do entrecruzamento de culturas que marca o governo dessa figura histórica instigante. Construído como sujeito da ação colonizadora sua situação é trágica na medida em que produz uma ambivalência insuperável: sua missão é a de criar uma nação negra que resguarde as suas origens africanas, mas os signos e símbolos de seu governo evidenciam a continuação dos

valores e da forma de ser dos colonizadores franceses. O conflito está, pois, no desejo de ser haitiano e na possibilidade única de continuar sendo francês. No entanto, entre a ordem da natureza — inscrita na cor da pele do rei — e a da cultura — representada por sua inusitada corte — desliza um intervalo que deverá ser ocupado pelo ser do Haiti, construído pelo amalgamento de culturas díspares e conflitantes. Esse intervalo, desejo não assumido pelo rei, espaço de transgressão da ordem africana e da européia, só será vislumbrado após a morte do rei, quando se dá o renascer da ordem da terra haitiana. Esta nova ordem, no entanto, não aparece explicitamente no texto de Césaire; o escritor da Martinica, assumindo a vertente contada pelas lendas e fábulas, considera o rei como o símbolo do desterro coletivo do povo africano e ainda que explicita a tragédia do rei — emparedado por ambigüidades insuperáveis, metonimicamente representadas também na construção da fortaleza La Ferrière — deixa de forma implícita a questão do reconhecimento. Se bem que o reconhecimento de si, nos povos colonizados, tenha que passar dolorosamente pelo desejo de ser o outro, antes de chegar à certeza de que é outro.

No texto de Césaire como no de Dadié o conflito se apresenta ao leitor pela interlocução de vozes que ressoam de espaços culturais divergentes. Em Iles de tempête clamam por liberdade as vozes dos escravos, proclamam igualdade de direitos as vozes dos humanistas liberais (da Europa e da Colônia), enquanto as falas dos colonos garantem o espaço da escravidão. Em La tragédie du roi Christophe, a incomunicabilidade entre o rei e o povo mostra que esses falam de lugares sociais antagônicos. O rei fala dos anseios do povo, mas o seu discurso reconstrói a antiga ordem da escravidão. O pai diz amar os filhos "Eu quis dar ao meu povo a fome de construir e a necessidade de uma perfeição"<sup>8</sup>, mas, paradoxalmente, trouxe-lhe sofrimentos mais dolorosos que os do antigo regime. O povo rejeita, por isso, esse pai cruel, estra-

nho em suas vestes européias. A rejeição do povo a seu rei acirra o embate de Christophe com seu destino trágico, mas não suplantando o conflito que o rei vive com a sua própria consciência moral. "Eu quis desviar o enigma deste povo de seu percurso"<sup>9</sup> conclui ele, melancolicamente.

Os fatos da história do Caribe enaltecem a figura do primeiro rei negro do Haiti e vêem-no como o fundador efetivo da nação. As lendas, todavia, recontam os fatos distanciando-os de um significado único e inserem-nos na cosmogonia africana. Privilegiando o mito, La tragédie du roi Christophe nos dá um Henri Christophe determinado pelo olhar do outro: do colonizador e do seu povo. Cada ação sua o faz distante ora de um ora de outro e a cada passo o reconhecimento de si mesmo coloca-se como impossível. Por isso, como nas tragédias gregas, o herói, não podendo mudar o curso de um destino já traçado, está condenado à fatalidade. É necessário o seu sacrifício para que o enigma do seu povo seja decifrado.

Em La tragédie du roi Christophe o mito tem como função elucidar a contradição maior que se inscreve no governo de Henri Christophe. Segundo a tradição, o rei, ao ser repudiado por seu povo, é recebido pelo Baron-Samedi, o deus da morte haitiano e é por ele conduzido às terras africanas:

"África! Ajuda-me a voltar, coloca-me como uma criança envelhecida em teus braços e, depois de me despir, tu me lavarás. Despe-me completamente destas vestimentas, desmancha-as como, à hora da aurora, desfazem-se os sonhos da noite."<sup>10</sup>

A ordem da cultura, simbolizada pelas vestes do monarca cede, então, lugar ao espaço mítico dos loas africanos. É interessante notar, todavia, que a morte simbólica da cultura européia e a glorificação das origens africanas dão-se num espaço de

metamorfose cultural, de miscigenação, de desterritorialização tanto do povo africano quanto dos franceses.

Por isso, a morte de Henri Christophe, destronado pelos negros e rejeitado pela Europa vai-se colocar como o nascimento de uma nova ordem, a ordem dos haitianos, porque, depois de morto, Henri Christophe é assumido como Pai, como o verdadeiro condutor de seu povo ao mundo que é realmente o seu. Sua morte circunscreve um novo espaço, o espaço do reconhecimento, da caracterização de ser haitiano.

O ritual da morte assume no texto de Alejo Carpentier o reino deste mundo a simbologia mítica do renascimento e é a partir dessa relação que o autor cubano lê o confronto de raças e de costumes nas terras do Haiti.

No sacrifício de MacKandal, chefe dos negros rebeldes sediados na serra da Salle, o ódio dos colonos, da população branca assistiu à imolação do negro ameaçador; os negros, no entanto, viram, encantados, o mandinga dar o grande salto e mergulhar "nas ondas do negro mar de escravos."<sup>11</sup>

MacKandal é, historicamente, o marco do início das sublevações negras nas terras do Caribe. O livro de Carpentier recuou para a façanha do feiticeiro pela inserção da História no relato mítico e toma o renascimento de MacKandal como a continuidade da palavra da transgressão, capaz de resguardar um sentido que se constrói num espaço de interdição. A personagem Henri Christophe, no texto de Carpentier, reincarna o mito da fundação ao mesmo tempo em que remete ao déspota, ao pai cruel, que acredita que a história a ser contada pelo seu povo deveria ser escrita pelos signos do sacrifício e do sofrimento. A Citadelle La Ferrière seria o texto onde se leriam o próprio país e a construção de sua independência, mas também uma escravidão tão abominável quanto a do antigo regime.

O mito, no entanto, rompendo a objetividade dos fatos

assume a tenacidade do monarca que tem um sentido positivo e a Citadelle passa a ser a morada do escolhido dos Altos Poderes, das divindades da pólvora e do fogo, venerada pelo povo:

"Porque embaixo, esquecendo os padecimentos que custara sua construção, os negros da planície levantariam os olhos para a fortaleza repleta de milho, de pólvora, de ferro, de ouro, pensando que nela, mais alto que as aves, lá, onde a vida cá debaixo soaria remotamente através dos sinos e dos cantos de galo, um rei, de sua mesma raça, esperaria junto ao léu, que é o mesmo em toda parte, que trouxessem os canhões de bronze dos dez mil cavalos de Ogum."<sup>12</sup>

No texto de Carpentier Henri Christophe é visto como o instaurador de uma nova ordem que só advém após a sua morte. O texto de Carpentier, assim como o de Césaire, propõe como conflito irremovível a tensão entre a cultura européia e a negra e toma o rei e sua bizarra corte negra como símbolo desse conflito. Em O reino deste mundo, todavia, o choque entre as duas culturas ultrapassa o período de Henri Christophe e cobre um tempo maior que vai da colonização das terras de Saint Domingue até a instalação do governo dos mulatos, após a morte do monarca.

A organização circular da narrativa, tal como os relatos míticos, é simbolizada pela personagem Ti Noel que, comparada às personagens MacKandal e Henri Christophe, assume, em sua semelhança, o ritual do renascimento que fica evidente tanto na morte do líder negro como na do rei. São episódios que reiteram situações em que a morte nunca é tomada como fim. MacKandal, morto na fogueira, renasce entre os negros e continua as lutas pela liberdade do seu povo. Henri Christophe morre para assegurar o nascimento do "reino deste mundo" que, unindo o Haiti às suas origens africanas, amolda, por isso, a cultura européia à peculiaridade da nova nação.

Ti Noel, única personagem que percorre os diferentes

tempos da narrativa, encarna tanto as metamorfoses de MacKandal quanto a ambigüidade de Henri Christophe. Por isso é interessante notar que, depois da queda de Henri Christophe e da destruição do palácio de Sans-Souci, Ti Noel retira dos escombros da casa real uma casaca que pertencera ao rei e veste-a. Ao vesti-la, realça "seu régio aspecto com um chapéu de palha trançado, achatado e dobrado em forma de bicórneo."<sup>13</sup> Ti Noel ritualiza a continuidade da cultura européia numa instância em que essa cultura está amalgamada já à cultura haitiana. É evidente que a casaca real e o grotesco chapéu bicórneo remetem tanto à figura de Napoleão Bonaparte quanto à de Henri Christophe e espelham, na sua extravagância, os traços configuradores da nação haitiana. Ti Noel funciona, pois, como tradução de tradução, texto modificado, alterado, ajustado, todavia, à terra que o produziu.

Diz a História que na noite de 14 de agosto de 1791, Bouckman, negro gigante, sacerdote vodu, fez eclodir uma grande revolta contra os colonos brancos. As lendas contam que essa revolta contra os brancos só foi vitoriosa porque os relâmpagos e os trovões de Xangô, o grande orixá guerreiro africano, protegeu seu povo e encarnou-se na força de vários guerreiros negros que conquistaram a independência da nação.

Narra também a lenda que Henri Christophe queria construir uma nação tão forte que se igualaria às nações européias. Seria a primeira nação negra do Caribe, o reino dos negros neste mundo, o reino dos filhos de Popo e de Arada que, venerados pelos seguidores de Bouckman encontrariam, enfim, no Haiti, a sua verdadeira morada.

A recuperação dos tempos remotos da origem dá-se, nas lendas, através da rememoração, da anamnesis: MacKandal cantava em Salmos, enquanto girava a moenda, as histórias do seu povo. Contava as façanhas dos povos africanos, recontava a história de Adonhnesco, do rei de Angola, do rei Dá, encarnação da

serpente, "o eterno princípio do retorno infinito."<sup>14</sup> Depois de ferir-se na moenda, MacKandal torna-se guardador de gado, e continua contando aos escravos das plantações de cana as estórias do seu povo, para que a memória do seu povo não se apagasse. Conforme a simbologia, o maneta é um ser fora do tempo, pertencente a uma outra ordem, à ordem da imparidade, do sagrado porque perdeu o elemento de paridade ou de simetria do corpo humano. Todavia, apesar de se situar numa ordem outra, o maneta reintegra-se no tempo sempre que encarna um novo poder.<sup>15</sup> No caso de MacKandal, conta a lenda que o negro aleijado reaparecia nas fazendas em forma de animal de cascos, de ave, peixe ou inseto. O escravo tinha recuperado sua integridade corporal metamorfoseando-se em animais. Dessa forma o negro garantia a sua presença em toda parte e continuava tecendo com outros signos a história do seu povo. A reconstituição do passado enchia de orgulho os líderes negros que, transformados em donos de um saber que só a eles pertencia – pois lhes fora passado, em segredo, pelo mandinga astucioso – vão conduzir seu povo ao domínio mágico das terras do Haiti. É a partir dessa visão encantatória da natureza e dos homens que a figura Henri Christophe ganha uma dimensão maior e ultrapassa os limites da temporalidade histórica. Nesse sentido, tanto no texto de Carpentier quanto no de Césaire, Henri Christophe situa-se num espaço paradoxal que caracteriza o limiar – o intervalo entre duas instâncias claramente definidas em sua oposição. Transita, enquanto rei, entre a cultura européia e a africana; venera os símbolos da religião católica, mas são as palavras mágicas dos rituais africanos que saem de sua boca no ofício da festa da Assunção. O padre reza em latim, Christophe responde na linguagem das entidades africanas "Loko, Petro, Brisé-Pimba, todas as divindades da pólvora e do fogo."<sup>16</sup>

É, pois, nessa instância paradoxal, onde História e Mi-  
to se encontram que a figura de Henri Christophe se inscreve co-

mo fundador do império negro do Haiti. Embora déspota, obstinado, como contam os fatos históricos, Henri Christophe instalou seu povo num território sagrado, povoado de deuses africanos e tornou invioláveis os segredos de sua raça, guardando-os, simbolicamente, em La Citadelle onde, conforme falam as lendas, foi colocado o corpo do monarca, tornado guardião do destino do povo do Haiti.

## NOTAS

- 1 DADIÉ, Bernard. Iles de tempête. Paris, Presence Africaine, 1973.
- 2 CÉSAIRE, Aimé. La tragédie du roi Christophe. Paris, Presence Africaine, 1970.
- 3 CARPENTIER, Alejo. O reino deste mundo. Trad. de João Olavo Saldanha, Rio, Civilização Brasileira, 1966.
- 4 SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso sulamericano. In: Uma literatura nos trópicos. São Paulo, Perspectiva, 1978. p. 11-28.
- 5 LOPES, Edward & CANIZAL, Eduardo Peñuela. O mito e sua expressão na literatura hispano-americana. São Paulo, Duas Cidades, 1982. p. 12.
- 6 DADIÉ, Bernard. Iles de tempête. p. 29. Tradução da autora.
- 7 DADIÉ, Bernard. Op. cit., p. 79.
- 8 CÉSAIRE, Aimé. La tragédie du roi Christophe. p. 138.
- 9 CÉSAIRE, Aimé. Op. cit., p. 138. Tradução da autora.
- 10 CÉSAIRE, Aimé. Op. cit., p. 147. Tradução da autora.
- 11 CARPENTIER, Alejo. O reino deste mundo. p. 31.
- 12 CARPENTIER, Alejo. Op. cit., p. 80.
- 13 CARPENTIER, Alejo. Op. cit., p. 108.
- 14 CARPENTIER, Alejo. Op. cit., p. 3.
- 15 CHEVALIER, Jean & CHEERBRANT, Alain. Dictionnaire des symboles. Paris, Robert Laffont-Jupiter 1982. p. 606.
- 16 CÉSAIRE, Aimé. La tragédie du roi Christophe. p. 126. Tradução da autora.